

Ela não sabia quanto tempo teria de continuar a correr... ou quanto tempo aguentaria. Tentava ver por onde andava no escuro, mas a única fonte de luz vinha da lua. Su continuou a correr por entre as árvores e ramos que a arranhavam. O maior receio era que o manto se lhe prendesse num dos ramos das enormes árvores e ficasse encurralada.

Ao fundo ouviu-se um enorme rugido. Estava perto. Su começou a correr ainda mais rapidamente, ignorando o cansaço e a dor aguda que sentia. O medo profundo de ser apanhada pela besta começava a encher-lhe o coração e o peito cada vez mais, no entanto não o mostrava. Nunca o faria. Era a líder e tinha de se manter forte e confidente diante das suas colegas. Mas agora estava sozinha.

A sua agilidade era surpreendente, tal como a sua determinação. Ela não se deixaria apanhar.

Não era capaz de olhar para o lado (isso poderia diminuir a sua velocidade), contudo, pelo canto do olho, avistou uma fonte de luz um pouco mais intensa. Virou bruscamente para a esquerda e continuou a correr por entre as árvores e ramos até à saída daquele lugar escuro.

Saindo da floresta, avistou, uns metros adiante, umas torres altas, parecendo a parte lateral de um castelo. Ela sabia muito bem de que castelo se tratava.

À frente daquelas torres, havia uma fonte de mármore branco. A água que lá estava brilhava à luz do luar. Su parou diante dessa fonte e olhou para trás, para a floresta de onde saíra. Conseguia ver um par de olhos vermelhos, cheios de raiva e ódio a olharem para ela, por entre as sombras. Aqueles olhos como fogo, definitivamente, não eram humanos.

“O que queres?”, pensou, sabendo que a criatura não precisava de a ouvir para perceber.

Os olhos desapareceram e um vulto negro saiu da floresta e passou ao seu lado, desaparecendo com a velocidade de um raio.

Sentiu-o outra vez a correr atrás dela, fazendo-lhe esvoaçar o manto comprido e o cabelo preto.

Ela já o sabia. Não havia maneira de fugir.

Queria falar mas não encontrava força para isso.

Quando olhou os olhos da fera foi como se a energia lhe tivesse sido roubada do corpo.

– Já que não tenho saída, pelo menos deixas-me ver o teu rosto? – acabou por dizer, desistindo pela primeira vez.

Su já não sabia se era realidade ou um pesadelo contínuo.

– Devolve o que não é teu – disse uma voz monstruosa.

A voz não vinha de nenhum lugar específico. Su não tinha nada para dar... à exceção da sua alma...

**Patrícia Marincas**

**9.ºD**

**2016/2017**